

O papel da religião no desenvolvimento do empreendedorismo em Moçambique

Domingos Carlos Batone *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3773-1451>

Resumo: Este artigo reflecte sobre o papel e influência dos valores definidos pelas religiões mais predominantes de Moçambique no empreendedorismo. Uma questão foi definida para a problematização do tema, nomeadamente, de que forma os valores defendidos pelas religiões do cristianismo, islamismo e hinduísmo influenciam na decisão das pessoas se tornarem empreendedoras em Moçambique? Deste modo, recorreu-se a uma metodologia qualitativa que consistiu na operacionalização duma pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas exploratórias destinadas aos líderes religiosos. Assim, chegou-se a conclusão de que o cristianismo, islamismo e hinduísmo tem um papel preponderante no desenvolvimento do empreendedorismo, através da promoção dos valores da justiça e equidade, que são comuns nestas religiões, moldando a decisão empreendedora, o relacionamento com clientes, funcionários, investidores e fornecedores, cujos fundamentos de base são os livros sagrados da Bíblia, Alcorão e Bhagavad-Gita.

Palavras-chave: Cristianismo; Islamismo; Hinduísmo; Empreendedorismo

Chikamuchiro kwa Dini ko Panganha Ichindo ya Gueni Chilambo cha Mozambique

Pa Malowe Ganandhi (ciyao): Awu n'nango wachibuku wukusala ngani ja udindo wasikuete Dini siakupicanica n'nope ku Mozambique kumbadi jamassengo gagueni. Chiwuzio chachikuika mujelengani chicuti: Utengachi wukuika mudini jachikatodika, mudini jachissilamu ni mudini jachi indu vakupeleka machidi kumassengo gagueni ku Mozambique? Kumbadi jalakwejo, ngatendegue massengo gakusossa sossa ngani jalakwejo m'mabuku gakulekangana lehangana, nambo soni nikuonegana nachimilongola wadini vakuapikanichisia ngani jalakwejo. Paujo pamassengo galakwego, yissimaniche yati, dini jachicatodika, dini jachissilamu ni dini jachi indu, zikwete udindo wapenani n'nope vakwadimbanganja wandu waguene kuti aweje wakutumichila chilungamo ni upikanganja, yichindo yayikussimanika mudini ziosse, pakuwika wulamussi pagueni, nimpaka niwandu wakussumana, nimpaka niwandu wamassengo, niwandu wakujigala katundo, kutiochelaga muyitevo yabuku jakuchimbichika jabaibolo, jakurani, nibuku jadini jachi indu.

Dilowe diakiyi: Chikatodika; Chissilamu ni dini jachi indu kumbadi jagueni

The Role of Religion in the Development of Entrepreneurship in Mozambique

Abstract: This paper reflects on the role and influence of values defined by the most predominant religions in Mozambique on entrepreneurship. A question was defined for the problematization of the theme, namely, how do the values defended by the religions of Christianity, Islam and

* Docente Universitário e Investigador na Escola Superior de Economia e Gestão, Moçambique. Director Geral da *D.C Management & Consulting*; Investigador e Docente universitário nas áreas de Gestão de Projectos, Finanças Públicas, Comportamento Organizacional, Procurement & Logística e Empreendedorismo; Consultor nas áreas de Projectos, Planos de Negócios, Planos Estratégicos, Estudos de Mercado & Viabilidade, Pesquisas de Opinião, Satisfação e pesquisas com recurso a inquéritos. E-mail: dcbatone@gmail.com

Hinduism influence the decision of people to become entrepreneurs in Mozambique? In this way, a qualitative methodology was used, which consisted in the operationalization of a bibliographic research, documental research and exploratory interviews aimed at religious leaders. Thus, it was concluded that Christianity, Islam and Hinduism have a leading role in the development of entrepreneurship, through the promotion of the values of justice and equity, which are common in these religions, shaping the entrepreneurial decision, the relationship with customers, employees, investors and suppliers whose foundations are the holy books of the Bible, Quran and Bhagavad-Gita.

Keywords: Christianity; Islam; Hinduism; Entrepreneurship.

Introdução

Actualmente, há uma diversidade religiosa cada vez maior, exercendo influências distintas sobre o empreendedorismo. Essa relação, por sua vez, pode ser observada por meio dos diferentes princípios éticos e de valores, criando efeitos que fomentam e/ou inibem a actividade empreendedora (Carswell e Rolland, 2004). Por essa razão, o estudo consistiu em localizar os valores e crenças das três (3) religiões mais predominantes em Moçambique e sua influência no comportamento empreendedor do indivíduo.

No que concerne a justificativa, foram seleccionados o cristianismo, islamismo e hinduísmo para servirem de objectos de estudo pelo facto de serem as que possuem mais crentes em Moçambique, pois vejamos, os dados do IV Recenseamento da População e Habitação de 2017 recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2018), demonstram que o cristianismo tem 7 313 576 crentes, seguido do islamismo com 5 094 024 crentes e os hinduístas fazem parte dos 1 297 856 crentes.

Este escrito tem como objectivo geral analisar o papel e influência dos valores definidos pelas religiões mais predominantes de Moçambique na mentalidade e acção empreendedora. Portanto, os objectivos específicos do estudo são: (a) reflectir entorno da relação existente entre a religião e o empreendedorismo; (b) fornecer uma abordagem sociológica sobre a interpretação que o cristianismo, islamismo e hinduísmo fazem do processo empreendedor; e (c) apresentar o papel da religião na construção da mentalidade empreendedora dos moçambicanos.

Para o desenvolvimento deste artigo definiu-se a seguinte questão orientadora: De que forma os valores defendidos pelas religiões do cristianismo, islamismo e hinduísmo influenciam na decisão das pessoas se tornarem empreendedoras em Moçambique? Nesse sentido, foram estabelecidas três hipóteses que configuraram como respostas provisórias, a destacar: (i) algumas religiões, como o islamismo e o cristianismo, são consideradas propícias ao empreendedorismo, enquanto outras, como o hinduísmo, inibem o empreendedorismo;(ii) as práticas dos valores do cristianismo, islamismo e

hinduísmo não influenciam na mentalidade e acção empreendedora; (iii) todas as religiões analisadas são uma fonte poderosa dos valores da justiça e ética no desenvolvimento do empreendedorismo de forma lícita.

Assim, no que concerne aos procedimentos metodológicos, aplicou-se uma metodologia qualitativa por meio do uso de três (3) técnicas de pesquisa. A primeira técnica usada foi a pesquisa bibliográfica que teve como sustentação a literatura que versa sobre as religiões, o empreendedorismo, nomeadamente, livros, teses de doutoramento e artigos científicos. A segunda foi a pesquisa documental, que consistiu na consulta da Bíblia Sagrada dos cristãos, o Alcorão Sagrado dos muçulmanos e o sagrado Bhagavad-Gita dos hinduístas.

Finalmente, a terceira suportou-se nas entrevistas não estruturadas destinadas aos líderes religiosos moçambicanos que explicaram algumas dúvidas que o investigador não conseguiu decifrar nos livros sagrados. Este artigo está estruturado em quatro (4) partes interligadas, como passa-se a citar, introdução, revisão da literatura sobre o empreendedorismo, cristianismo e hinduísmo, apresentação e discussão dos resultados e as considerações finais.



1. Empreendedorismo e mentalidade empreendedora

O interesse pela temática do empreendedorismo não é recente. Estudos de teóricos clássicos da economia, como Cantillon, Say, Schumpeter, Marx e Weber, discutem aspectos associados à manifestação desse fenómeno e à actuação do empreendedor como figura central do sistema capitalista (Dantas *et al*, 2014). Na perspectiva de Duarte (2011), o empreendedorismo tem dois significados:

(1) Neologismo derivado do verbo *empreender*, também designado por competência empreendedora, significando a acção deliberada de realizar ou de tentar realizar algo;

(2) O empreendedorismo é o estudo e a implementação do desenho de um negócio, a busca sistemática de ferramentas e soluções empresariais para os problemas actuais e futuros.

De acordo com Hisrich, Peters e Shepherd (2009), autores conceituados na área de empreendedorismo global para a condução de negócios, defendem que o comportamento empreendedor abrange: (1) tomar iniciativa, (2) organizar e reorganizar mecanismos sociais e económicos a fim de transformar recursos e situações para proveito prático e (3) aceitar o risco ou o fracasso.

Estes autores definem o empreendedorismo como sendo o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e da independência financeira e pessoal.

A mentalidade empreendedora constitui uma qualidade indispensável a um bom gestor, administrador ou líder, visto que, muitas das vezes este é chamado a efectuar novas combinações na economia através do que já existe para solucionar problemas concretos, desde os particulares/privados, empresariais, públicos, até os globais. A ideia de espírito empreendedor está associada a pessoas realizadoras, que mobilizam recursos e correm riscos. Nessa lógica, um empreendedor é a pessoa que identifica e explora oportunidades por meio da criação de uma empresa (Maximiano, 2011).

De acordo Hisrich *et al* (2009), a mentalidade empreendedora pode acontecer através de dois (2) processos: (i) *Efectuação*: os empreendedores fazem uso do que têm (quem eles são, o que conhecem e quem conhecem) e escolhem entre os possíveis resultados. Por exemplo, um *chef* de cozinha não precisa de ir ao mercado a procura de ingredientes para preparar um prato já existente, ele usará os ingredientes que estão disponíveis na sua cozinha; neste caso o empreendedor não vai atrás de financiamentos, usa os recursos financeiros disponíveis; (ii) *Causalidade*: Inicia com a planificação metódica do resultado almejado e se concentra nos meios para gerar esse resultado. Por exemplo, um *Chef* de cozinha irá elaborar uma lista de ingredientes e respectivas unidades/quantidades para preparar um prato; neste caso, o empreendedor observa o custo do seu plano e vai atrás de financiamento.

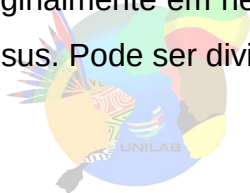
Quando falamos de mentalidade empreendedora, significa a maneira como os empreendedores pensam, que será útil tê-la para ser um excelente gestor de empresas, pois, dada a natureza do ambiente de tomada de decisões, às vezes ele precisa (1) executar, (2) se adaptar de modo cognitivo e (3) aprender com o fracasso. Ou melhor, abrange a possibilidade de dectetar, agir e se movimentar rapidamente, mesmo sob condições incertas.

2.Cristianismo

Na idade média, através do feudalismo a igreja católica sustentava o sistema monárquico, dando legitimidade aos senhores feudais e aos reis. Na Inglaterra do Rei Henrique VIII, aquando do rompimento com a Igreja Católica e o estabelecimento da Igreja Anglicana, ocorreram mudanças sociais drásticas, principalmente após a Rainha

Elizabeth I assumir o trono, rompendo de vez com as doutrinas católicas, e instalando um sistema religioso persistente até hoje (Vieira e Jacinto, 2012). Estes autores argumentam que as religiões protestantes tiveram origem a partir das ideias de Martin Lutero e João Calvino. Os pensamentos e ideias de Lutero e Calvino proliferaram por toda a Europa e deram início a mudanças sociais que trouxeram consigo transformações muito importantes para a construção do capitalismo de hoje.

O livro sagrado dos cristãos, independentemente de ser católicos ou protestantes, é a Bíblia, que encontra-se estruturada em duas partes, o Antigo Testamento (antes de Cristo) e o Novo Testamento (depois do nascimento de Cristo). Para todo cristão o salvador dos pecados da humanidade é Jesus Cristo, entretanto, algumas interpretações chegam até a considerá-lo de Deus. De acordo com Muhammad (2009), os Evangelhos, do grego “*Euaggelion*” (boa-nova), referem-se ao nascimento do Messias prometido e focam a vida, morte e ressurreição de Jesus, bem como seus ensinamentos. O Novo Testamento da Bíblia actual é constituído por 27 livros. Pode ser dividido em 4 partes: Evangelhos, História, as Epístolas e Profecia. Para este autor, o Antigo Testamento é estruturado em 39 livros escritos originalmente em hebraico, relatando a obra de Deus no universo antes do nascimento de Jesus. Pode ser dividido em 3 partes principais: História, Poesia e Profecia.



3. Islamismo

Os árabes são conhecidos por serem praticantes do comércio desde a época das descobertas, no entanto, os primeiros muçulmanos tem a sua origem árabe, assim sendo, a palavra de Deus (Allah) foi também revelada na língua árabe através do profeta Mohammad e compilada pelos seus companheiros (Suhabas), no livro sagrado denominado Alcorão ou alquran alkarim (القرآن الكريم), e até hoje continua a ser usada na língua original, apesar de existirem transliterações noutras línguas, esse padrão é mantido.

De acordo com o Sheikh Aminuddin Muhammad (2009), no seu livro intitulado “Historia do Al-Qur’án, do Hadice e da Bíblia”, onde faz uma reflexão profunda usando o método comparado e análise do conteúdo destas escrituras sagradas, destaca que, em termos gerais, “Al-Qur’án” representa a palavra de Allah revelada ao profeta Muhammad e encontra-se perante as pessoas na forma de livro, cuja recitação também significa um acto de adoração. Conforme descreve este Sheikh na sua obra, o livro sagrado dos

muçulmanos (Al-Qur'án”), é estruturado em 114 capítulos composto por versículos de diferentes extensões.

4.Hinduísmo

O termo hinduísmo é uma criação dos ingleses em 1830, e cujo domínio é muito mais amplo do que aquele que, no Ocidente, conhece-se por religião. O verdadeiro nome do Hinduísmo é *Sanâtana-Dharma*, significando uma *norma perene de existência*, a que sempre foi reconhecida. É uma tradição que é o próprio fundamento das coisas e não tem, portanto, um fundador (Follmann e Scarlatelli, 2006). Em termos de expansão e expressividade no mundo, o hinduísmo¹ é a terceira religião com o maior número de praticantes, no entanto, a maior parte dos crentes está na Índia.

Poderíamos seguir a abordagem de Follmann e Scarlatelli (2006), ao destacarem que quanto aos textos sagrados desta religião, temos, inicialmente, o *corpus Sruti* (revelação; o que é ouvido da divindade). Nesse corpus destaca-se o *Rig-veda*, um texto ariano que relata as batalhas com os povos locais os quais resistiam ao avanço dos invasores. Essas batalhas desenrolaram-se até depois do ano 1000 (a.n.e.). Já o *Sama-veda*, o *Yajur-veda* e o *Atharva-veda* narram o período da fusão cultural. Nestes moldes, estes quatro textos constituem **Os Vedas**, (ou saber, conhecimento), escritura sagrada mais antiga do Hinduísmo. Cada um dos textos que compõem os Vedas contém explicações, ensinamentos e fórmulas mágicas. Entretanto, os Vedas são considerados textos revelados, originados directamente do Absoluto (*Brahma*) no começo do mundo e captados por sábios que os teriam transmitido oralmente de geração em geração e, depois, compilados em forma escrita.

De acordo com Borges (2012), a estrutura das quatro colecções dos Vedas são:

- *Rig-veda* ou “Veda dos cânticos”: contém os textos mais antigos (1500 a 1000 a. C.), que se recitavam durante os sacrifícios; é composto por mil e vinte e oito hinos, dirigidos a diversas divindades, divididos em 10 livros;
- *Sama-veda*: são extractos do *Rig-veda* com notações musicais arcaicas para uso dos cantores, durante os sacrifícios;
- *Yajur-veda*: composto por cinco colecções de preces e poesias para serem recitadas em voz baixa nos sacrifícios; e

¹Hinduísmo é o termo genérico mais usado para dar conta da *Ordem Eterna* ou, em sânscrito: *Sanâtana Dharma*, que é a denominação correcta da religião hindu (KÜNG, 2004).

- *Atharva-veda*: o último a ser compilado, contém 731 encantamentos em 20 livros, reflectindo uma religião mágica e popular.

Mas temos também, de acordo com Küng (2004), o *Bhagavad-Gita* a escritura sagrada mais conhecida e de maior influência, muitas vezes chamada de evangelho do Hinduísmo e, ao mesmo tempo, um dos grandes documentos éticos da humanidade. Na perspectiva de Borges (2012), trata-se dum poema filosófico considerado o “Novo Testamento dos hindus”, comparando com a religião do cristianismo. Segundo Follmann e Scarlatelli (2006), o *Bhagavad-Gita* é, em todos os sentidos, O Livro, uma espécie de cimento que une a pluralidade de línguas e culturas que compõem a Índia. O *Bhagavad-Gita* reúne e ordena todos os caminhos ou vias de salvação que são conhecidos. Nesse sentido, o empreendedor e empresário que professa a religião Hinduísmo deve praticar os seus negócios usando duas componentes morais fundamentais do Hinduísmo, o *Yama* (para o relacionamento com os outros) e o *Niyama* (na relação consigo mesmo) e as suas normas, a destacar:

- 1) **Yama**: *Ahimsa* (não agredir), *Satya* (dizer a verdade), *Asteya* (não roubar), *Brahmacharya* (permanecer celibatário/solteiro, casto), *Aparigraha* (não cobiçar); e

- 2) **Niyama**: *Saucha* (pureza), *Santosha* (contentamento), *Tapas* (austeridade), *Svadhyaya* (estudo das escrituras), *Ishvarapranidhana* ou *Atmanivedana* (auto-rendição a Deus).

De acordo com o hinduísmo, o propósito da vida é alcançar a libertação que essencialmente é a liberdade do renascimento, a partir do entendimento de que é importante compreender a realidade e não a busca pelos bens materiais.

5. Apresentação e discussão dos resultados: empreendedorismo e o islamismo em Moçambique

Em Moçambique, a religião muçulmana é maioritariamente predominante na zona costeira de Nampula, Niassa e Cabo Delgado, que por razões históricas eram pontos de trocas comerciais entre os árabes que vinham do médio oriente e as comunidades moçambicanas, oportunidade que foi devidamente usada para divulgar a palavra e ensinar o islão. De acordo com a obra “Lutar por Moçambique”, da autoria de Mondlane (1995), os comerciantes árabes já tinham visitado a costa moçambicana e ai se

estabelecido há cerca de 1000 anos atrás, difundindo o islão e a sua cultura material entre os povos do litoral.

No século XXI, a religião em Moçambique tem-se expandido para todos os cantos do país e até algumas pregações da palavra de Deus (*Allah*) são ensinadas com recurso aos meios modernos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), a destacar: (i) *YouTube*, através do Canal ISLAMMOZ DAWA, que até ao dia 09 de Abril de 2021 tinha cerca de 15,4 000 subscritores e aproximadamente 900 vídeos de palestras religiosas discutindo temas cadentes e esclarecendo dúvidas para os crentes do islamismo; e (ii) Rádio “A Voz do Islam” – 96.3 FM”, uma rádio islâmica que sita na Cidade da Matola, capital da Província de Maputo.

Essa é uma forma de divulgação do islão que tem sido expressiva e vem atraindo mais crentes, num contexto em que existe uma interpretação errónea e perigosa de que o muçulmano está intimamente associado a prática de actos de extremismo e/ou terrorismo, tanto no mundo, como em Moçambique. Para consolidar o entendimento muçulmano do processo empreendedor, foram entrevistados os seguintes *Sheikhs* (الشيوخ): Saide Habibe², Nuro Omar Mecupa³ e Atumane Cavallocate⁴, mas também, consultadas algumas obras de referência no que concerne as regras do islamismo.

Na perspectiva do livro “*Perguntas e respostas sobre a fé islâmica*”, da autoria de Gülen (2009), *Allah* (Deus) outorga riqueza e pobreza material aos indivíduos por motivos conhecidos por Ele próprio. Por exemplo, algumas pessoas herdam inteligência, habilidade e visão para os negócios, enquanto outros também os possuem e não desejam usá-los. Portanto, para o indivíduo fiel que realiza boas acções e dá em caridade algo do que lhe foi outorgado, a riqueza é um meio de bondade. Por conseguinte, se a fé do indivíduo é débil e se este sai do caminho recto, então a riqueza se converte em um meio de maldade. Conforme argumentou um dos entrevistados, o *Sheikh* Saide Habibe:

“....A prática do empreendedorismo e negócios é lícito e vital na religião islâmica. No entanto, o que torna o empreendedorismo islâmico são as práticas e crenças do alcorão e da tradição profética, mas isso, não significa que a religião islâmica traga alguma teoria sobre o assunto. O *Islam* compreende que a actividade económica é relevante para a criação da estabilidade social, mas também, para a satisfação de necessidades do ser humano e deve ser feita com

²*Sheikh* afecto na mesquita/Massjid Muhammad SWA, que tem sido um dos principais oradores da religião muçulmana em Moçambique e tem divulgado a palavra para os seus irmãos e a comunidade no geral.

³*Sheikh* afecto na mesquita/Massjid Assane Hussein-Maputo *Shopping Centre*, tem desenvolvido muitas palestras e ensinamentos sobre as boas práticas e conduta do crente a luz do islão (*Islam*).

⁴*Sheikh* que desempenha a função de Presidente da Associação Moçambicana de *Ruqya* e Promoção de Saúde Pública (AMORUSP), onde usa-se a palavra de *Allah* para quebrar algumas práticas de feitiçaria e maus espíritos.

determinação e justiça. Pois, o próprio profeta Muhammad já praticou a pastorícia e o comércio, logo, o crente também pode fazê-los...”

O caminho mais seguro para que os crentes progridam é o entendimento de que tudo que é dado por *Allah* está concebido para aperfeiçoá-los. Nessa perspectiva, sem ter em conta as circunstâncias pessoais, os crentes muçulmanos devem esforçar-se para melhorar o bem-estar dos demais e ter a confiança interior e exterior no Todo-Poderoso e Todo Misericordioso (Gülen, 2009). O *Sheikh* Atumane Cavalcate reforça que Allah (Deus) exige com que o crente muçulmano privilegie a oração em primeiro lugar e depois o comércio e os negócios, nos seguintes termos:

“...Allah não proíbe a prática do comércio e negócios pelo ser humano, mas sim, as pessoas não devem hipotecar as horas de oração para praticar actividades comerciais. O muçulmano deve fechar o comércio nas horas de oração para servi-lo...”

Entretanto o argumento da partilha de informação verdadeira ao cliente nas transacções comerciais é importante, por exemplo, o *Sheikh* Abdala ⁵(António Omar) descreve que é proibido:

“...Usar mentiras, vender mercadoria com defeito não declarado, falta de sinceridade, falta de honestidade, vender mercadoria sem perfeição...etc.”

Todos os posicionamentos assumem que é permitido o exercício da actividade empreendedora, desde que respeite as recomendações de Allah (Deus) em primeiro lugar em tudo que for actividade comercial e económica.

Outro aspecto de destaque no Islão (*Islam*), é a proibição do recurso ao crédito bancário com Juros. Ou melhor, o empreendedor que professa a religião islâmica, está limitado de aderir ao crédito bancário com juros, pois, o Sagrado Alcorão que orienta esta religião, descreve as seguintes recomendações de Allah (Deus):

“Por lucrar com **a usura**, sendo que lhes havia sido proibido e por apropriar-se dos bens do próximo indevidamente. Por certo que reservamos aos incrédulos dentre eles um doloroso castigo” (*Alcorão, An-Nissá, 4: 161*).

“E se não deixais **a usura**, sabeis que Allah e Seu Mensageiro vos declararão guerra. Mas, se vos arrependerdes, tereis direito ao capital original, desta forma não oprimireis e nem sereis oprimidos” (*Alcorão, Al-Baqara, 2: 279*).

“Os que lucram com **a usura** sairão (de suas sepulturas no Dia do Juízo) como aquele a quem Satanás possuiu, deixando-o transtornado” (*Alcorão, Al-Baqara, 2: 275*).

“Allah fará com que tudo que provenha da **usura** não tenha nenhuma bênção, mas, em troca, (*Allah*) aumentará a riqueza daqueles que fazem caridades” (*Alcorão, Al-Baqara, 2: 276*).

⁵Delegado Adjunto e Coordenador de projectos no Conselho Islâmico de Moçambique, Delegação do Niassa.

Entendamos a palavra “USURA” como sendo juros, ou melhor, a cobrança de um interesse financeiro que vem como requisito coercitivo e compulsório na concessão de um empréstimo. No argumento do *Sheikh Saide Habibe* o juro é proibido na religião islâmica, em contrapartida, os bancos condicionam o crédito bancário aos juros, e a banca ainda não encontrou uma fórmula para o financiamento sem recurso aos juros em Moçambique. Algumas saídas para os créditos bancários com juros são propostas pelo *Sheikh Nuro Mecupa*, nos seguintes termos:

...Criar um banco ou balcão que trabalhe com a lei muçulmana, dando crédito sem os juros seria uma boa alternativa, pois, o juro é um dos maiores pecados no islão, porque trata-se duma injustiça, um aproveitamento de alguém que está num estado de carência para endividá-lo ainda mais, ao invés de emprestá-lo sem essa componente. Se precisa de emprestar ao empreendedor, que se empreste na medida certa...

Os pressupostos apresentados pelos *Sheikhs Habibe* e *Mecupa*, evidenciam que os muçulmanos são proibidos de pagar ou receber juros em qualquer tipo de negócios, no entanto, os juros retiram a riqueza da sociedade sem produzir nada, nessa lógica, o entendimento muçulmano diz que é preciso produzir o máximo, consumir o necessário e distribuir o excesso, o que os juros não proporcionam. Em termos críticos, assume-se que o sistema de reprodução capitalista tem nos juros, o seu alicerce de funcionamento, logo, a rejeição dos juros pelo islamismo, coloca a religião mais próxima duma sociedade mais comunista e distancia-se mais do egoísmo e individualismo típico das sociedades capitalistas. Há uma necessidade de recordarmos os argumentos trazidos por Marx & Engels (2005, p.42), na obra “*O manifesto comunista*”, ao destacarem o seguinte:

...A burguesia afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio.

Esse trecho foi escrito no século XIX, num contexto de miséria e exploração da mão-de-obra barata pelo sistema capitalista vigente na época nos países europeus. O que demonstra que Marx e Engels propunham uma alternativa ao capitalismo. Contudo, nos últimos dias maior parte dos países internacionais adoptam o liberalismo que está associado ao capitalismo e a democracia ocidental, o que o historiador Francis Fukuyama chamou de “*Fim da História e o Último Homem*”. Para Fukuyama (1992), as propostas que restam hoje em contraposição à democracia liberal e capitalismo estão na defensiva,

e representariam o conservadorismo e o atraso. No entanto, a situação dos países que permanecem socialistas, como China, Cuba, Coréia do Norte e Vietnam, deixou já de reflectir uma ideia dinâmica e atraente, mesmo com pequenas representações do poder socialista no mundo.

O terceiro aspecto relevante do islamismo é que o Crente Muçulmano Empreendedor deve apenas investir em negócios que actuam em áreas consideradas lícitas pelo sagrado Alcorão. Para o *Sheikh* Saide Habibe é preferível sacrificar a actividade financeira e salvar vidas e não o contrário. Assim sendo:

É proibido ao crente muçulmano que queira desenvolver um negócio as seguintes práticas ilícitas: (a) actividades económicas que envolvem especulação; (b) investir em negócios cujo lucro dependam da promoção de adultério; (c) negócios que gravitam na venda de bebidas alcoólicas; (d) drogas e tudo que é prejudicial a si e outrem...

Na visão do *Sheikh* Habibe, em Moçambique apenas recebemos e não produzimos e há uma luta para adquirir o maior bolo dos valores vindos de doações sem produzir e algumas vezes todos acham que recorrendo a política é a melhor alternativa de crescer financeiramente. A nossa estrutura social já vem moldada com práticas desviantes e constitui um desafio romper com o sistema pré-estabelecido, na medida em que, recebemos práticas culturais desviantes, recebemos o sistema político, recebemos as práticas capitalistas do ocidente. Por isso, mesmo que seja possível é muito difícil desenvolver negócios respeitando a palavra de *Allah*, visto que, a sociedade está toda amarada por actos ilícitos. Outra observação relevante, relacionada aos actos ilícitos no desenvolvimento de negócios, foi trazida pelo *Sheikh* Nuro Mecupa, ao assegurar que:

...Os ilícitos estão espalhados desde a fabricação, distribuição e consumo dos produtos, daí que o crente muçulmano deve saber que o sucesso dele no negócio depende de Allah. A inteligência consegue transformar o nada em nada, enquanto que a esperteza nem sempre traz bons resultados. Muitas das vezes a sociedade é que cria limitações, ao invés de ajudar os empreendedores, puxa-os para baixo. Maior parte da população começa do zero, por nascer de famílias pobres, não herda factores de produção e este empreendedor vai ter que fazer a sua parte e criar o seu negocio do nada. A precariedade da sociedade gera um estado de carência que compromete o futuro, pois acaba viciando a sociedade com actos ilícitos.

Nesse aspecto o empreendedor que professa a religião muçulmana deverá em primeiro lugar conhecer a palavra de Allah (Deus) revelada ao seu Mensageiro (O Profeta Muhammad), para daí saber identificar as proibições para o exercício da actividade económica, as excepções e permissões, para que seja bem-sucedido e o seu estado de espírito esteja tranquilo.

5.2 Empreendedorismo e Cristianismo em Moçambique

Revisitando a Bíblia Sagrada dos cristãos, observa-se que algumas passagens que orientam os negócios e investimentos do empreendedor são muito claras, evidenciando assim que os crentes desta religião não são proibidos de praticarem negócios, desde que exaltem o Senhor como provedor de tudo (incluindo a riqueza), sejam lícitos, promovam o bem e a caridade, pois vejamos:

Não digam, pois, em seu coração: 'A minha capacidade e a força das minhas mãos ajuntaram para mim toda esta riqueza'. Mas, lembrem-se do Senhor, o seu Deus, pois é ele que dá a vocês a capacidade de produzir riqueza, confirmando a aliança que jurou aos seus antepassados, conforme hoje se vê. (*Deuterónimo 8:17-18*).

Este livro sagrado, incentiva a busca pela liberdade e autonomia financeira do crente, para sair das amarras das dívidas, logo, encoraja a actividade empreendedora, que por sua natureza envolve a criatividade, inovação e independência financeira, como passamos a citar:

Esforcem-se para ter uma vida tranquila, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, como nós os instruímos; a fim de que andem decentemente aos olhos dos que são de fora e não dependam de ninguém. (*1 Tessalonicenses 4:11-12*).

Para os cristãos a solução para todos os problemas está na Bíblia Sagrada, nesse sentido o sucesso do empreendedor também dependerá em grande medida, da bênção de Deus, em função da força da sua fé, rejeitando os padrões do mundo terreno, que muitas das vezes são ilícitos e pecaminosos, conforme descreve a seguinte passagem do livro Romanos:

Não se conformem com o padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente. (*Romanos 12:2*).

A abordagem protestante tem uma disciplina diferente da católica, por essa razão devemos entender as suas filosofias de forma equidistantes. Nesse sentido, o livro clássico de Max Weber intitulado "*ética protestante e o espírito do capitalismo*" demonstrou que uma simples olhada nas estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável frequência, uma situação que muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, principalmente na Alemanha: o facto que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e

comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante (Weber, 2007).

Esse argumento de Weber pode ser bastante discutível no século XXI, principalmente em Moçambique, mas mesmo assim tem um fundo de verdade, pois, maior parte de nós conhece homens bem-sucedidos financeiramente que professam uma religião protestante, como crentes ou mesmo pastores. Nalgumas vezes, chegamos a acusá-los de desviarem para fins particulares os fundos patrocinados pelos crentes destinados ao financiamento das actividades nas suas congregações/igrejas, o que nem sempre constitui a verdade.

As igrejas protestantes moçambicanas têm vindo a crescer nos últimos anos, algumas das quais aparecem publicamente exibindo nas rádios e TV's milagres de curas para problemas difíceis de solucionar, que são difíceis de provar a sua veracidade, mas os crentes acreditam que existem, em alguns momentos propõem a prosperidade financeira para quem era pobre ou para empresários fracassados. Mas nem todas as igrejas protestantes têm essa orientação, no entanto, elas desempenham um papel preponderante na educação financeira dos empresários e empreendedores, disciplinando a forma como estes gastam os seus recursos.

Uma das igrejas com bons programas de educação financeira destinados aos seus crentes empresários ou que querem enveredar pelo empreendedorismo é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que abriu um centro de formação profissional com cursos semi-gratuitos para capacitar e vocacionar os seus membros e a sociedade no geral na Cidade de Maputo, a título de exemplo. Numa das suas pregações, Jesus disse:

“...Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus...” (Mateus 22: 17,22).

Assim, mesmo que estejamos a desenvolver negócios é importante que cumpramos a palavra de Deus e seus mandamentos, por exemplo, a décima parte dos rendimentos do empresário e empreendedor devem ser oferecidos a igreja, o *dízimo*. A religião cristã contribui em grande medida com as tecnologias religiosas; apoio psicológico, acesso à informação, de negociação e do estabelecimento de contratos; informações específicas e interpretadas de acordo com a visão de mundo religiosa; dando-lhes maior grau subjectivo de certeza, esperança e fé acerca de seus negócios; prestações de serviços técnicos por parte de membros da organização; desenvolvimento do capital humano devido à aprendizagem contínua por meio de cursos, seminários, palestras,

congressos; trocas de experiência; e possibilidades de negócios, incluindo possíveis parceiros, fornecedores e clientes (Serafim, 2008).

Na interpretação de Drakopoulou Dodd e Gotsis (2007), existem evidências de que a religião exerce algumas influências específicas sobre o processo empreendedor, presentes em três momentos distintos: (a) na aquisição de motivação para a abertura do empreendimento, fornecendo ou fundamentando o desejo do empreendedor e sua motivação; (b) nas negociações efectuadas para a entrada no mundo empresarial, oferecendo uma espécie de comunidade integrada na qual o empreendedor pode adquirir os recursos necessários para iniciar suas actividades; e (c) no âmbito do nascimento da empresa e sua sobrevivência, estimulando um foco eticamente coerente, compartilhado e de longo prazo, para gestão e direcção do novo negócio ao longo do tempo.

5.3 Hinduísmo e Empreendedorismo em Moçambique

Nessa religião, que tem vindo a crescer significativamente em Moçambique, existem milhares de deuses e deusas. Mas os sábios afirmam que todos eles são apenas diferentes formas de um mesmo e único Deus. Dos vários deuses, três se destacam: *Brahma*, o criador, *Vishnu*, o preservador, e *Shiva*, o destruidor. Os crentes que professam o hinduísmo acreditam em vários deuses e na reencarnação, ou melhor, os seres humanos morrem e renascem várias vezes, onde nas várias vidas, eles têm a oportunidade de evoluir, até chegar a um estágio em que se unem a *Brahman*, a realidade suprema. Para se chegar a essa fase, exige que o crente pratique os pilares da mentalidade hindu, que na visão de Borges (2012), são vários a destacar:

- a) *Karman* (no nominativo *karma*): é a lei moral da causa e efeito, sustentando que tudo quanto um indivíduo é resulta das suas acções nas vidas passadas. O *karman* traz em si a ideia de reencarnação. Toda a matéria é como um mar de corpos que adquire vida pelas almas que vão reencarnando. O progresso espiritual dá-se quando um indivíduo vive de forma virtuosa, o contrário acontece quando se deixa dominar pela maldade;
- b) *Dharma*: significa “lei”, aproximando-se do conceito judaico de *Torah*. O *dharma* consiste nas normas, responsabilidades e deveres inerentes a cada casta e sexo, concretizados nas regras que são o seu aspecto mais prático. Para além dessas normas particulares existe um *dharma* universal, que inclui o perdão, o conhecimento espiritual, a ausência de raiva e ganância, a pureza e a capacidade de distinguir entre o bem e o mal;

- c) *Yoga*: significa “união” e pode entender-se em dois sentidos: um sentido por assim dizer psicológico, denotando a união das faculdades do indivíduo conducentes à sua unificação como pessoa, e um sentido teológico, denotando a união do espírito individual ao Espírito Universal, ou, se preferirmos, a união da alma a Deus. Em qualquer dos casos o seu objectivo é, de certo modo, melhorar o *karman* para que a pessoa consiga escapar ao *sãsâra*⁶;
- d) Esta libertação ou fuga, chama-se *moksha*, “soltura”, e é o resultado da iluminação intelectual; isto é, depois de compreender a verdadeira natureza da realidade, o indivíduo deixaria de estar dependente da armadilha dos desejos, do *karman* e do *sãsâra*. Por outras palavras, o *moksha* é a morte da ilusão e dos desejos que escravizam e fazem o indivíduo sofrer por causa de uma existência condicionada; e
- e) O *moksha* inclui uma dupla conotação: do ponto de vista da negação, significa o fim da ânsia, da ilusão e da morte; afirmativamente, representa o estado de consciência e felicidade pura, a participação na verdade imortal do *Brahman*, “espírito primordial” ou “alma universal”.

De acordo com a palavra de Deus, mesmo que o crente do Hinduísmo pratique negócios, este deve fazê-lo para o bem, com destaque para ajudar os necessitados, tal como passamos a citar uma das passagens do sagrado *Bhagavad-Gita*:

“Na mente dos apegados aos prazeres dos sentidos e à riqueza material, e que por isso se iludem, não ocorre a decisão de prestar serviço a Deus” (BG cap. 2, 44).

“Todos esses actos devem ser executados sem apego aos resultados, mas como um simples dever. Eis a Minha opinião, ó descendente de Pritha. (BG cap. 18, 6).

A religião Hinduísmo proíbe vivamente a falsidade, todo tipo de roubo no desenvolvimento das actividades económicas, mas incentiva a austeridade por parte do empreendedor, desde que não se guie para a riqueza material, os resultados dos seus empreendimentos devem ser naturais de acordo com as vontades do Supremo. Um contributo muito relevante foi feito por Dana (2009), ao explicar a maneira como a religião se relaciona ao empreendedorismo: (i) as diferentes religiões valorizam o empreendedorismo de formas distintas; (ii) as diversas religiões produzem diferentes padrões de comportamento empreendedor, devido a diferenças em seus conjuntos de

⁶Os indivíduos transitam da morte para o renascimento através de um processo de tal forma doloroso, que os mais elevados ensinamentos e sacrifícios hindus têm por objectivo a fuga ou libertação desse mesmo processo contínuo, que se denominam *sãsâra*.

valores; (iii) a especialização em uma determinada religião determina o empreendedorismo; (iv) as redes de relacionamento entre membros de uma determinada religião delimitam o empreendedorismo; (v) a religião oferece oportunidades empreendedoras; (vi) as crenças religiosas podem dificultar o empreendedorismo; e (vii) as religiões possuem mecanismos para a perpetuação de valores que facilitam ou dificultam o empreendedorismo.

Dada a existência desta relação, podemos assumir que existe um empreendedorismo religioso, cujas bases assentam no cumprimento das escrituras sagradas, onde a forma de relacionamento com clientes, funcionários, investidores e fornecedores devem ser com base na palavra de Deus.

Considerações Finais

Este estudo constatou que a religião é importante na formação da mentalidade empreendedora, embora Moçambique tenha uma diversidade religiosa considerável, algumas delas, como o cristianismo, islamismo e hinduísmo são propícias a promoção do empreendedorismo. Deste modo, essa relação existente entre a religião e o empreendedorismo resume-se na prática dos valores do bem por parte dos empreendedores.

Cada religião analisada faz a sua interpretação sobre o desenvolvimento de negócios por parte dos crentes, através dos princípios presentes nos livros sagrados, pois, os resultados sugerem que elementos da religião e do sistema de castas do Hinduísmo, a proibição do islamismo do acesso ao financiamento com juros e o pagamento do dízimo no cristianismo, precisam ser considerados nesta relação como sendo alguns elementos inibidores da acção empreendedora. Porém, há mais elementos que promovem o empreendedorismo do que os que retraem, o que concorre para a comprovação da hipótese 3, segundo a qual todas as religiões analisadas são uma fonte poderosa de valores que permitem o desenvolvimento do empreendedorismo de forma lícita.

Concluindo, em Moçambique essas tendências podem ser relacionadas aos valores éticos da religião. No entanto, todas as religiões analisadas, nomeadamente, o cristianismo, islamismo e hinduísmo têm um papel preponderante no desenvolvimento do empreendedorismo, pois, promovem a justiça e equidade no relacionamento com clientes, funcionários, investidores e fornecedores, cujas bases são os livros sagrados da Bíblia Sagrada, Alcorão Sagrado e Bhagavad-Gita.

Referências

- ANTONOV, A. *Bhagavad-Gita*. Trad. Irene Pastana Batista. Rússia: s.e., 2016.
- BÍBLIA SAGRADA. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. *Bíblia Sagrada*. Salt Lake City, Utah: Intellectual Reserve, Inc., 2015.
- BORGES, P. J. T. *Cuidados de saúde e práticas Hindus*. (Dissertação de mestrado) Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- CARSWELL, P.; ROLLAND, D. “*The Role of Religion in Entrepreneurship Participation and Perception*”. Genebra, International Journal of Entrepreneurship and Small Business, vol.1, nº 3/4, p. 280-286, 2004.
- DANA, L. P. *Religion as an Explanatory Variable for Entrepreneurship*. London: The International Journal of Entrepreneurship and Innovation, London, vol. 10, nº 2, p. 87-99, 2009.
- DANTAS, P. et al. “*Empreender com fé*”: configurações do processo empreendedor em empresas de artigos religiosos na Cidade de Ituiutaba, Minas Gerais. Goiânia, VIII EGEPE, Minas Gerais, p. 1-16, 2014.
- DRAKOPOULOU DODD, S. D.; SEAMAN, P. T. “*Religion and enterprise: an introductory exploration*”. Entrepreneurship: theory & practice, vol. 23, nº 1, p. 71-86, 1998.
- DUARTE, G.. *Dicionário de administração e negócios*. Rio de Janeiro: KindlebookBR, 2011.
- FOLLMANN, J. I.; SCARLATELLI, C. C. Lições milenares do Oriente hinduísta para uma conduta ética na sociedade de hoje. *Revista de Estudos da Religião*, vol. 3, nº 4, p. 18-42, 2006.
- FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GÜLEN, M. F. *Perguntas e respostas sobre a fé islâmica*. Somerset: TughraBooks Editorial, 2009.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. *Empreendedorismo*. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- INE. *IV Recenseamento Geral da População e Habitação*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2018.
- KÜNG, H.. *Religiões do Mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MAXIMIANO, A. C. *Introdução a Administração*. São Paulo: Atlas, 2011.
- MONDLANE, E. *Lutar por Moçambique*. Maputo: Colecção “Nosso Chão”, 1995.

MUHAMMAD, A. *História do Al-Qur'ân, do Hadice e da Bíblia*. Maputo: Sautullsslam, 2009.

MUHAMMAD, A. *O Nobre Al-Qur'na*. 3.ed. Durban: IDM Publications, 2019.

SERAFIM, M. C.. *Sobre esta igreja edificarei minha empresa: organizações religiosas e empreendedorismo. (tese de doutoramento)* São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

VIEIRA, J.P.V.A; JACINTO, P. A. *Religião e empreendedorismo no Brasil: uma análise utilizando modelos de escolha ocupacional*. Rio Grande do Sul, PPGE/PUCRS, p. 1-21, 2012.

WEBER, M.. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em: 12/08/2022

Aceito em: 20/09/2022



Para citar este texto (ABNT): BATONE, Domingos Carlos. O papel da religião no desenvolvimento do empreendedorismo em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p. 571-588, 2022.

Para citar este texto (APA): Batone, Domingos Carlos. (2022). O papel da religião no desenvolvimento do empreendedorismo em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 571-588.